



Uma oferta e uma recusa entre risos para evitar o desconforto: “a única coisa que eu não como é abóbora”

An offer and a refusal with laughter to avoid the discomfort: “The only thing I don’t eat is pumpkin”

Roberto PEROBELLI*

Rogério Carvalho de HOLANDA**

Márcio Cláudio dos REIS***

RESUMO: Este artigo investiga o papel do riso como um recurso interacional em situações de desconforto, com foco em um episódio do programa "Mais Você", no qual a atriz Taís Araújo recusa uma oferta de nhoque de abóbora feita pela apresentadora Ana Maria Braga. A pesquisa é fundamentada nos princípios da Análise da Conversa de base etnometodológica, analisando transcrições detalhadas dessa interação, cujo excerto audiovisual ilustra como o riso emerge como um mecanismo de reorganização da sequência interacional, descomprimindo a situação desconfortável que foi criada ao mesmo tempo em que garante o (re)alinhamento entre as participantes. Os resultados indicam que o riso não apenas transforma a seriedade da recusa em um momento leve que passa a ser enquadrado como brincadeira e, dessa forma, atua como uma ferramenta para a manutenção da harmonia interacional. A análise evidencia ainda que o riso se configura como um recurso multifuncional capaz de reconfigurar o significado de ações socialmente sensíveis, como a recusa de uma oferta em público. Por meio da co-construção de risos entre as participantes, é possível observar a negociação dos significados locais da ação, bem como a ativação de estratégias de afiliação. A metodologia qualitativa adotada permitiu a observação das posturas afetivas e ações multimodais associadas ao riso de forma detalhada, revelando como essas práticas sustentam a continuidade da interação e evitam rupturas na conversa. Dessa maneira, o estudo contribui para a compreensão do riso na dinâmica das interações sociais, proporcionando reflexões relevantes para estudiosos e profissionais da Linguística Aplicada e áreas correlatas, como a Comunicação Social, nesse caso, sobre como provocar o riso pode ser usado interacionalmente para gerenciar situações complexas, no exato momento em que tais situações acontecem. Conclui-se que o riso funciona, nesse episódio, como um recurso interacional sofisticado que contribui para o gerenciamento de despreferências e tensões,

* Doutorado em Linguística (UFJF). Professor Associado do Departamento de Línguas Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Linguística (UFES), Vitória, ES – Brasil. robertoperobelli@gmail.com

** Doutorado em Linguística (UFES). Professor de Língua Portuguesa (SEDU-ES), Vitória, ES – Brasil. rogeriohol@hotmail.com

*** Doutorado em Linguística (UFES). Professor de Língua Inglesa (SEDU-ES), Vitória, ES – Brasil. mcr7024937@gmail.com

sendo relevante para pesquisadores interessados nas práticas sociais ordinárias e nos modos como se constroem relações face a face em contextos institucionais e midiáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Interação social. Ações preferidas e despreferidas. Oferta. Recusa. Riso como recurso interacional.

ABSTRACT: This article investigates the role of laughter as an interactional resource in situations of discomfort, focusing on an episode of the Brazilian television show *Mais Você*, in which actress Taís Araújo refuses a serving of pumpkin gnocchi offered by host Ana Maria Braga. The research is grounded in the principles of ethnomethodologically informed Conversation Analysis and examines detailed transcripts of this interaction, whose audiovisual excerpt illustrates how laughter emerges as a mechanism for reorganizing the interactional sequence, decompressing the uncomfortable situation that was created while simultaneously ensuring the participants' (re)alignment. The results indicate that laughter not only transforms the seriousness of the refusal into a light moment reframed as playfulness but also functions as a tool for maintaining interactional harmony. The analysis further shows that laughter operates as a multifunctional resource capable of reconfiguring the meaning of socially sensitive actions, such as refusing an offer in public. Through the co-construction of laughter among participants, it is possible to observe the negotiation of local meanings of action as well as the activation of affiliative strategies. The qualitative methodology adopted enabled the fine-grained observation of affective stances and multimodal actions associated with laughter, revealing how these practices sustain conversational continuity and prevent ruptures in interaction. In this way, the study contributes to the understanding of laughter within the dynamics of social interaction, offering relevant reflections for scholars and professionals in Applied Linguistics and related fields, such as Social Communication, particularly regarding how eliciting laughter can be used interactionally to manage complex situations as they occur. It is concluded that laughter functions, in this episode, as a sophisticated interactional resource that contributes to the management of dispreferred actions and tensions, being relevant to researchers interested in ordinary social practices and in how face-to-face relations are constructed in institutional and media contexts.

KEYWORDS: Social interaction. Preferred and dispreferred actions. Offer. Refusal. Laughter as an interactional resource.

Artigo recebido em: 06.08.2025

Artigo aprovado em: 28.10.2025

1 Introdução

Em uma situação potencialmente constrangedora, o riso, embora espontâneo, pode surgir como uma boa saída para amenizar o constrangimento. Seja ao tropeçar em público, esquecer o nome de alguém ou até no recusar de uma oferta, o riso pode transformar o embaraço em algo menos desconfortável. É partindo dessa possibilidade que este artigo tem como objetivo analisar o papel do riso como um recurso interacional que vai além do humor ou do caráter espirituoso das falas.

Embora a literatura sobre o riso na AC seja extensa, há escassez de estudos que examinem *recusas públicas televisionadas* no Brasil, contexto em que as normas de cortesia e a visibilidade midiática moldam as ações de oferta e recusa. Dessa maneira, nosso foco recai sobre um episódio do programa *Mais Você*, em que a atriz Taís Araújo recusa a oferta de um prato de nhoque de abóbora feito pela apresentadora Ana Maria Braga. O artigo busca demonstrar como o riso atua na organização e reorganização da interação, suavizando a tensão produzida pela recusa – ação classicamente descrita como despreferida por Pomerantz e Heritage (2013) –, ao mesmo tempo que possibilita o realinhamento das participantes na construção conjunta de uma relação mais íntima (Jefferson *et al.*, 1987).

Nesse contexto, o riso é analisado como uma ferramenta que contribui para a continuidade da conversa e permite que as interlocutoras redefinam o significado de ações potencialmente embaraçosas. Em razão disso, destacamos dois objetivos específicos: (1) investigar como o riso surge e se estabelece ao longo da interação, reorganizando os turnos de fala e amenizando o desconforto da recusa de uma oferta; e (2) compreender o papel do riso na coconstrução de significados em contexto sequencial de ações despreferidas, como no caso analisado.

Embora a literatura da Análise da Conversa (AC) já tenha explorado de maneira significativa tanto recusas quanto o riso em interações cotidianas (Gavioli, 1995; Glenn, 2003; Jefferson, 2004; Looney; He, 2020), ainda há uma lacuna no exame de recusas públicas televisionadas no contexto brasileiro, em que normas culturais ligadas à hospitalidade, à etiqueta alimentar e ao papel social das celebridades influenciam a produção e o tratamento dessas ações. O artigo propõe, assim, uma contribuição original: articular os estudos da AC sobre riso e despreferência com a especificidade do contexto midiático televisivo brasileiro, em que o embaraço é negociado em condições de visibilidade pública e repercussão social.

A análise fundamenta-se, portanto, nos princípios da AC de base etnometodológica (Jefferson, 2004; Heritage, 1984), que tratam o riso como ação social

sistemática e organizada sequencialmente. Também dialoga com os trabalhos de Glenn (2003), sobre o riso como resposta afiliativa, e de Mondada (2018), acerca do papel de recursos multimodais na interação, o que permite uma observação minuciosa das sequências de turnos de fala e das ações multimodais.

Este artigo se justifica pela importância de um exame do riso como ação social ampla, capaz de revelar nuances sutis da interação humana, especialmente em contextos de desconforto interacional. Este trabalho também é relevante para a área da Linguística Aplicada e dos estudos da Análise da Conversa ao contribuir para uma compreensão mais profunda de como o riso opera em interações sociais, sobretudo institucionais, no Brasil¹. Assim, ao utilizar dados brasileiros, o estudo oferece uma perspectiva cultural importante, destacando semelhanças e diferenças em relação ao riso em um determinado contexto sociocultural.

Esta pesquisa pretende, portanto, preencher uma lacuna nos estudos do riso ao examinar uma recusa pública televisionada em contexto brasileiro, articulando os achados da Análise da Conversa a questões culturais vinculadas à hospitalidade e à etiqueta social. Tal perspectiva contribui para compreender como normas interacionais e valores culturais se entrelaçam no gerenciamento do desconforto público. Ao focalizar um episódio amplamente repercutido na mídia brasileira, o estudo evidencia que práticas interacionais locais - marcadas por expectativas de cordialidade e espontaneidade - configuram modos singulares de lidar com ações despreferidas, oferecendo uma contribuição inédita ao campo da Análise da Conversa em língua portuguesa.

No decorrer deste artigo, os resultados da análise de uma sequência interacional específica apontam o riso como um dispositivo multifuncional que facilita o alinhamento entre os participantes e contribui para a manutenção da harmonia

¹ O presente trabalho se inscreve entre as pesquisas atuais no campo da AC brasileira que tem se voltado para uma análise das demonstrações de emoções nas interações (cf. Couto, 2021; Cecon; Perobelli, 2024).

interacional, ao mesmo tempo que revela as complexidades envolvidas nas trocas conversacionais. Na próxima seção, apresentamos a base teórica deste estudo, seguida de algumas informações metodológicas, tanto em termos de como se deu a abordagem analítica quanto em termos de como se deu a escolha do dado a ser analisado. Por fim, na sequência da análise, fazemos uma discussão dos resultados encontrados e apresentamos as considerações finais.

2 O Riso na perspectiva da Análise da Conversa

A Análise da Conversa (AC) de base etnometodológica trata o riso como uma ação social sistemática, organizada em sequências interacionais compostas por turnos de fala – unidades de participação que se alternam entre os interlocutores na construção da conversa. Nessa perspectiva, o riso é concebido como parte constitutiva do fluxo interacional, e não como manifestação psicológica isolada. Pesquisas recentes (Looney; He, 2020; Raclaw; Ford, 2017; Tanaka, 2018) demonstram que, em contextos de recusa ou desacordo, o riso atua como estratégia de reparo e realinhamento, indicando que sua função ultrapassa o humor e está diretamente relacionada à administração de tensões em pares adjacentes do tipo convite–recusa.

O riso, portanto, constitui um recurso interacional multifuncional mobilizado pelos participantes para realizar e transformar ações sociais em curso. Dependendo do contexto e das circunstâncias em que ocorre, pode servir para marcar afiliação, suavizar momentos constrangedores ou mitigar o impacto de declarações potencialmente delicadas. Longe de ser apenas uma reação emocional espontânea, ele emerge como prática organizada que contribui para a preservação da harmonia interacional, sustentando a continuidade da conversa e favorecendo o realinhamento entre os participantes.

Nesse mesmo quadro teórico, Pomerantz (1984) e Schegloff (2007) descrevem a organização de preferências como um princípio que orienta a produção de segundos pares adjacentes nas interações. Respostas rápidas, diretas e sem marcações são

preferidas, ao passo que atrasos, justificativas, risos ou hesitações indicam ações despreferidas, como recusas e desacordos. Nesses casos, o riso desempenha papel crucial ao amenizar o potencial de conflito e reconfigurar o enquadre da ação, funcionando como um recurso que torna socialmente aceitável aquilo que, em outras condições, poderia ser percebido como ruptura ou desafiliação.

Como demonstrado por Gail Jefferson (1985, 2004, 2010), o riso pode exercer funções distintas dependendo da sequência interacional e da relação entre os participantes. Em seus estudos, a autora observou que, em interações entre homens e mulheres, o riso de um interlocutor nem sempre é compartilhado pelo outro, o que evidencia a natureza assimétrica do fenômeno. Essa assimetria revela como o riso pode refletir normas sociais e expectativas ligadas ao gênero ou ao papel social dos participantes. Jefferson, no entanto, ressalta que essas regularidades não são regras fixas, mas orientações contextuais que emergem da própria dinâmica interacional.

O riso pode, assim, remodelar o significado de uma ação e alterar o enquadre da interação. Ações realizadas sem riso tendem a ser interpretadas de modo mais sério ou formal, enquanto aquelas acompanhadas de riso podem ser percebidas como leves ou conciliatórias. Glenn (2003) observa que, ao surgir em resposta a declarações potencialmente conflituosas, o riso permite que elas sejam recebidas de forma mais palatável, funcionando como um recurso afiliativo que ajuda a manter a continuidade conversacional. Nesse sentido, a presença ou ausência de riso torna-se central para a interpretação das ações sociais, pois redefine seu valor interacional e suas consequências na sequência discursiva.

Outra função recorrente do riso, segundo a AC, é sua capacidade de lidar com situações de constrangimento ou vergonha. Jefferson (2004) descreve o riso como um mecanismo de mitigação que permite redirecionar interações potencialmente tensas ou embaraçosas. O riso pode emergir quando ao menos um participante reconhece o potencial de desconforto na cena interacional, convertendo esse embaraço em leveza e atenuando o impacto da situação. Tal processo revela que os participantes utilizam o

riso não apenas para expressar emoções, mas para reorganizar as relações de sentido e de afiliação que sustentam a interação.

Em contraste com a Teoria dos Atos de Fala, que se concentra nas intenções do falante e no valor ilocucionário das ações, a Análise da Conversa observa o riso como um fenômeno sequencial, focalizando como ele é produzido e respondido turno a turno. Essa distinção é fundamental: enquanto a primeira privilegia o conteúdo proposicional e a intencionalidade individual, a segunda enfatiza a dimensão pública e compartilhada da ação, isto é, a forma como o riso adquire sentido a partir de sua posição e recepção na sequência interacional.

Nesse enquadre, Glenn (2003) identifica o riso como uma espécie de válvula de escape, que permite aos participantes aliviar tensões e reposicionar-se interacionalmente. O autor mostra que o riso pode marcar, reforçar ou suavizar mudanças de posicionamento entre interlocutores, minimizando críticas, atenuando discordâncias e tornando provocações mais aceitáveis. Assim, o riso revela não apenas a busca por humor, mas também a gestão de alinhamentos, desalinhamentos e fronteiras relacionais, o que o torna um índice privilegiado da organização social da fala-em-interação.

De modo semelhante, Clift (2012) demonstra que o riso, quando produzido em situações de queixa ou reclamação, serve para atenuar a seriedade da ação e manter um tom colaborativo. Em vez de expressar descontentamento de forma direta, o participante recorre ao riso para mitigar o impacto emocional da queixa, transformando o evento em uma oportunidade de afiliação e continuidade conversacional. Essa função mitigadora também se observa em contextos de recusa ou desacordo, em que o riso sinaliza uma tentativa de preservar a relação social enquanto se expressa uma posição divergente.

Gavioli (1995), ao comparar interações de atendimento em livrarias na Inglaterra e na Itália, destaca o papel culturalmente orientado do riso na gestão de situações delicadas. A autora mostra que, enquanto em inglês o riso tende a ocorrer

mais cedo, como tentativa de reparo imediato, em italiano ele costuma aparecer após negociações adicionais, evidenciando que a posição do riso nos turnos de fala é sensível às normas culturais e à estrutura social das interações. Em diálogo com Looney & He (2020), que analisam práticas de riso em contextos sino-americanos, observa-se que a temporalidade e a responsividade do riso são moldadas por convenções locais de afiliação e polidez. Ambos os estudos reforçam que o gerenciamento do desconforto é culturalmente situado e que o riso opera como um recurso ajustável às convenções sociais e interacionais de cada comunidade.

Complementarmente, Strid e Cekaite (2021) ressaltam a dimensão corporificada e multimodal do riso, evidenciando que ele envolve coordenação temporal precisa e orientação conjunta dos corpos na interação. Olhares, gestos e sincronia vocal compõem o quadro de produção e reconhecimento do riso, mostrando que sua eficácia depende da responsividade mútua entre os participantes. Esse aspecto dialoga com Mondada (2018), que entende o riso como parte de uma ecologia multimodal de ação, na qual elementos audíveis, visuais e corporificados se entrelaçam na construção do sentido.

A AC, dessa maneira, revela que as ações sociais são coconstruídas e interdependentes. O riso, em particular, pode emergir como resposta a um turno anterior ou como ferramenta que reorganiza a sequência de fala. Nesse sentido, ele facilita a interação e contribui para a continuidade da conversa, marcando momentos de alinhamento ou leve divergência entre os interlocutores. Compreender o riso como prática interacional situada permite reconhecê-lo como um recurso fundamental de produção da ordem social, por meio do qual os participantes negociam sentidos, posições e afetos na cena interacional. Essas observações são especialmente relevantes em contextos midiáticos, nos quais o riso se torna visível a um público ampliado e participa da gestão pública do desconforto, como ocorre nas recusas televisionadas analisadas neste estudo.

3 Procedimento metodológico

Esta seção tem como objetivo discutir os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa preserva a história dos sujeitos e seu contexto, construindo o processo em interação com o outro. Essa escolha reflete um enfoque microanalítico, centrado na interação social, e está fundamentada nos postulados teórico-metodológicos da Análise da Conversa e da Etnometodologia, por várias razões que serão expostas a seguir.

De acordo com Alain Coulon (2017), a Etnometodologia, matriz epistemológica da Análise da Conversa, não considera os membros sociais como idiotas culturais, interagentes desprovidos de raciocínio sociológico prático e que não questionam criticamente suas práticas cotidianas, mas como atores que constantemente analisam suas ações, dando sentido e solidificando a normalidade de suas práticas cotidianas. O programa de investigação dessa perspectiva procura tornar visíveis, no plano da observação rigorosa, os procedimentos de senso comum que os atores sociais utilizam de forma trivial, porém habilidosa, para viverem juntos e realizarem suas ações (Coulon, 2017; Garfinkel, 2018). Com isso, as metodologias de senso comum, antes invisíveis por sua habitualidade, tornam-se visíveis, e o fato social passa a ser entendido como um objeto dinâmico, produto da atividade contínua dos atores.

O rigor analítico desta pesquisa está baseado na perspectiva êmica, como definido por Pedro Garcez (2008, p. 24), que se refere à "perspectiva dos participantes sobre as ações conforme eles a demonstram uns para os outros". Esse ponto de vista é garantido através do procedimento de prova, que permite ao pesquisador captar o entendimento dos próprios interagentes sobre o que está acontecendo no aqui e agora da interação (Schegloff, 1993). O procedimento se dá ao observar as minúcias sequenciais, turno a turno, partindo da premissa de que os participantes de uma conversa "precisam demonstrar constantemente as suas perspectivas uns para os outros" (Garcez, 2008, p. 24) sobre as ações vocalizadas e corporificadas na interação.

Além disso, John Heritage (1984) destaca que pesquisas baseadas na fala-em-interação devem partir dos fenômenos efetivamente observáveis nos dados empíricos, e não de hipóteses teóricas prévias. Nesse sentido, a Análise da Conversa e a Etnometodologia adotam uma orientação analítica guiada pelos próprios dados, em que a teoria emerge a partir da observação minuciosa das práticas sociais registradas. Essa postura metodológica, que privilegia o empírico como ponto de partida e de chegada da análise, se materializa no trabalho cuidadoso de registro e transcrição das interações, considerado um dos maiores avanços da abordagem. É por meio do registro audiovisual que se torna possível observar a sequencialidade das ações e o modo como os participantes organizam suas falas, gestos e olhares em tempo real. Assim, neste estudo, a coleta e a análise do dado apresentado seguiram uma orientação empírica rigorosa, com observação detalhada das ações turno a turno, a partir de registros audiovisuais já existentes.

O dado audiovisual que constitui a base desta pesquisa, como será descrito mais adiante, trata de um trecho do programa *Mais Você*, apresentado por Ana Maria Braga na Rede Globo de Televisão, exibido em 15 de maio de 2017, e é composto por apenas 26 segundos de interação. O download desse material foi crucial para a viabilidade da pesquisa, pois só assim foi possível ver e rever o dado repetidas vezes (*again and again*, cf. Sacks, 1984), permitindo a apropriação das informações etnográficas necessárias para que as análises fossem contextualizadas, a ponto de nos permitir indiciar a perspectiva das participantes naquele momento da interação.

Como argumenta Mathias Broth (2009), imagens filmadas, inclusive as televisivas, são produtos de práticas sociais e técnicas situadas, configuradas por decisões locais e contingentes de enquadramento, foco e corte tomadas por profissionais que participam ativamente da construção da cena. Nesse sentido, ainda que o pesquisador não tenha participado da gravação, o material audiovisual conserva a organização interacional local tal como exibida, pois reflete escolhas que são também práticas sociais corporificadas. Assim, analisar uma interação televisionada não

significa descrever um artefato mediado e distante, mas observar uma sequência de ações que se tornaram públicas por meio de um dispositivo técnico de visibilização – a câmera – o que amplia, e não reduz, o alcance analítico da pesquisa etnometodológica.

Essa concepção se alinha à perspectiva defendida por Broth, Laurier e Mondada (2014), na qual os autores ressaltam que os registros em vídeo não são simples representações de eventos passados, mas artefatos analíticos que tornam visíveis as formas como as ações se organizam em tempo real. O vídeo, ao capturar coordenadas visuais e corporais, permite ao analista "ver através da tela", isto é, perceber a maneira como os participantes orientam seus corpos, olhares e gestos na produção conjunta da ação. Tal compreensão legitima o uso de material televisivo como dado empírico válido, desde que o pesquisador reconheça a natureza situada da filmagem e as práticas sociais que a configuram.

Dessa maneira, reconhecemos que o vídeo analisado no presente artigo, por ter sido captado por profissionais da emissora, não oferece múltiplos ângulos de observação. No entanto, esses registros mantêm traços significativos da organização sequencial e multimodal da interação, permitindo uma análise etnometodológica consistente a partir de uma perspectiva que considera o vídeo televisivo como uma instância legítima da fala-em-interação, cujos elementos visuais e sonoros podem ser examinados como índices públicos da coordenação interacional.

A análise do riso, com base nas transcrições de Gail Jefferson (1985; 2004; 2010), foi particularmente relevante para este estudo. Jefferson enfatiza a importância de transcrever o riso em detalhes, para não perder nuances analíticas cruciais. Seguimos esse modelo, com atenção aos símbolos que representam o desdobramento do riso na interação. Para uma compreensão mais aprofundada das ações corporificadas, adotamos também o modelo de transcrição multimodal proposto por Lorenza Mondada (2018), que permite captar as dimensões visuais e gestuais da interação,

evidenciando como olhares, gestos e movimentos corporais se articulam à fala na produção do sentido.

O recurso metodológico de capturar diálogos casuais, gestos e atividades rotineiras foi, assim, aplicado à análise do excerto audiovisual, que foi segmentado, transcrito e analisado com foco nas posturas afetivas associadas ao riso das participantes. Buscou-se descrever índices de afetividade no cenário institucional analisado, observando como tais práticas são constituídas interacionalmente. Esse tratamento do dado foi enriquecido pela leitura contínua de textos teóricos sobre o fenômeno, prática que perpassou toda a elaboração desta pesquisa.

O dado analisado revelou que o alcance de uma postura afetiva como o riso vai além do indivíduo que a exibe, permitindo observar como esse riso é constituído interacionalmente em resposta a situações embaraçosas. Na seção seguinte, apresentamos uma descrição mais detalhada do cenário e, em seguida, discutimos suas implicações.

4 Contextualizando o dado: o programa Mais Você

O *Mais Você* é um programa matinal exibido pela Rede Globo de Televisão e apresentado por Ana Maria Braga. Com foco principal em culinária, o programa oferece uma mistura de entretenimento, entrevistas, dicas do cotidiano e cobertura de temas tratados como relevantes para o público. A apresentadora Ana Maria Braga, conhecida por seu estilo caloroso e informal, recebe geralmente celebridades e personalidades da mídia. A dinâmica de participação no programa costuma ser leve e descontraída, com conversas informais ao redor de uma farta mesa de café da manhã, em que se discute tanto a vida pessoal dos entrevistados quanto temas de interesse público. Frequentemente, há uma demonstração culinária, na qual os convidados são convidados a experimentar pratos preparados ao vivo, criando um ambiente espontâneo.

A atriz Taís Araújo é uma presença constante na mídia brasileira, amplamente reconhecida por sua trajetória de sucesso na televisão, teatro e cinema. Taís é conhecida por sua autenticidade e sinceridade, e sua franqueza costuma caracterizá-la, atraindo a atenção do público e da mídia, pois ela se apresenta como alguém que não hesita em expressar o que pensa, mesmo em situações de descontração, como em programas televisivos ao vivo, como é o caso do *Mais Você*. Em diversas entrevistas e aparições públicas, ela já demonstrou essa autenticidade, tornando-se uma figura marcada por sua sinceridade no cenário artístico brasileiro.

Durante a edição do *Mais Você* do dia 15 de maio de 2017²³, essa característica de Taís Araújo como sincera foi evidenciada. Na ocasião, ao ser convidada por Ana Maria Braga para experimentar um prato feito com abóbora, recusou prontamente, afirmando de maneira direta que não comia nada feito a partir desse ingrediente.

A cena se desenrolou de forma bastante espontânea, mas alguns sinais de embaraço foram destacados. Após Ana Maria anunciar que estava preparando um nhoque de abóbora, Taís, depois de algumas justificativas e risadas, declarou que a única coisa na vida que não comia era abóbora. Ao lado da também atriz Fernanda de Freitas, que saboreou e elogiou o prato, a apresentadora, tentando brincar com a situação, também deu mostras de um certo constrangimento, revelado em alguns de seus turnos de fala, como é possível observar na análise a seguir. Essa troca conversacional, marcada por risos e prestações de contas, virou rapidamente um dos momentos mais comentados na história do *Mais Você*.

5 Análise: do desconforto da recusa ao riso de descompressão

Antes de adentrar na análise do excerto, retomamos brevemente alguns conceitos centrais da Análise da Conversa. De acordo com Pomerantz (1984) e Schegloff (2007), a organização de preferências orienta a produção de segundos pares

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tip6Pe6izoM>. Acessado em: 16 set. 2025.

³ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5869557>. Acessado em: 16 set. 2025.

adjacentes nas interações. Ambos os autores apontam que respostas diretas e rápidas tendem a ser preferidas, enquanto atrasos, justificativas, risos ou mitigadores indicam ações despreferidas, como recusas, desacordos ou negativas. Nessas situações, a fala dos participantes é frequentemente acompanhada de recursos como o riso, o olhar desviado ou a gesticulação hesitante, que funcionam como mecanismos de reparo e mitigação, evitando o colapso da afiliação interacional.

É sob esse enquadre que se examina, a seguir, a recusa pública televisionada da atriz Taís Araújo à oferta de um prato feita pela apresentadora Ana Maria Braga, no programa Mais Você. A transcrição a seguir captura um momento de interação entre a apresentadora e a atriz, além de uma segunda convidada que também participa da interação, a atriz Fernanda Freitas. O episódio em questão se desenrola depois da oferta de um prato de nhoque de abóbora, declinado por Taís. A partir dessa dinâmica de oferta e recusa, as participantes lançam mão do riso como um recurso interacional para suavizar a situação. Buscou-se realizar, aqui, uma análise detalhada dessa interação, observando como o riso emerge e se estabelece como uma ferramenta de alinhamento entre as interlocutoras.

A análise que segue leva em conta, portanto, não apenas as falas e risadas audíveis, mas também a configuração visual e corporal das participantes, elementos que, conforme Broth (2009), tornam-se visíveis *através da tela* como parte constitutiva da ação. O modo como Taís desvia o olhar, ri antes de responder ou gesticula diante da câmera é parte importante da construção pública do episódio e da interpretação coletiva do desconforto. Paralelamente, o uso da câmera e as escolhas dos diretores do programa no que diz respeito a quais imagens apresentar – o close no rosto de Taís e o plano conjunto das duas, por exemplo – tornam visível a transformação do desconforto em uma interação cooperativa e alinhada, orientada para apresentar visualmente a afiliação das participantes. Assim, o enquadramento televisivo não apenas documenta, mas coorganiza o modo como o riso é exibido e reconhecido publicamente, integrando-se à ecologia da ação.

Excerto: “a única coisa na vida que eu não como é abóbora”

001 TAI mas o problema não é:: de você:s,
 002 ANA nã:o cla:ro que não.
 003 TAI o problema é meu.
 004 ANA é seu cla[::ro.]
 005 TAI [>porque] todo mundo come abóbora< [gen:te]
 006 ANA [cê vai-] cê só:-
 007 \$que mais cê não co:me [além da abóbora] só preu me preparar\$=
 ana \$. senta na cadeira\$
 008 FER [>no:ssa que delí]cia°<
 009 ANA =da próxima vez@# (2.0)# @t#em@ uma li(h)st(h)a? [HAHA@HAHA:]
 010 LOU [HA HA HA:]
 tai @lmpa bca;ri@ @blç cbç neg enqt sorri@
 fig #fig.1 #fig.2#fig.3



1



2



3

011 ANA tem [uma l-]
 012 TAI [é @a ún]ica coisa que eu não [co@:#(h)mo [eu como tu:do]
 013 FER [>HA HA HA[HA HA:: HA::<]
 014 LOU [é abÓ:bora HA HA:]
 tai @blç cbç neg enqt fala@
 fig #fig.4



4

015 ANA HA HA HA HA::=

O excerto apresentado se inicia com a atriz Taís Araújo explicando que o *problema* em não comer abóbora não está na oferta de Ana Maria, mas é algo *dela* (“**mas o problema não é:: de você:s,**”, linha 001, e “**o problema é meu.**”, linha 003). Ana Maria, por sua vez, alinha-se com a afirmação de Taís, imputando-lhe responsabilidade por sua seletividade alimentar (“**nã:o cla:ro que não.**”, linha 002, e “**é seu cla:::ro.**”, linha 004), ao mesmo tempo que concorda com a avaliação que Taís faz de si mesma.

Taís, então, produz uma prestação de contas relacionada à sua autoavaliação anterior, (“**[>porque] todo mundo come abóbora< [gen:te**”, linha 005), após a qual Ana Maria, em seguida, insere uma pergunta que pressupõe haver mais alimentos rejeitados por Taís (“**que mais cê não co:me [além da abóbora] só preu me preparar**”, linhas 007 e 009), prestando contas, uma vez que a pergunta poderia ser considerada inapropriada ou invasiva, no contexto televisivo, justificando dessa maneira a pergunta sobre as particularidades alimentares da convidada.

Até esse ponto da interação, é importante notar que não há nenhuma menção de riso por nenhuma das participantes⁴. Enquanto isso, a atriz Fernanda de Freitas faz uma avaliação da iguaria (“**>no:ssa que delí]cia°<**”, linha 008), e essa ação acaba se tornando o primeiro movimento conciliatório, tendo em vista as ações potencialmente desarmoniosas anteriores. Após o turno de Ana (linhas 007 e 009), ocorrem dois segundos de ausência de fala – um atraso típico de ações despreferidas (Pomerantz, 1984) – antes que a segunda pergunta fosse produzida (“**tem uma li(h)st(h)a? [HA HA @HA HA:**”, linha 009), com risos durante e depois da UCT⁵, o que sugere um convite de Ana para que a pergunta fosse recebida de forma leve e bem-humorada pela sua interlocutora. De fato, para Jefferson (1979), o convite ao riso pode

⁴ Em uma digressão especulatória, poderíamos afirmar que, se a interação terminasse nesse ponto, com uma ação autodepreciativa recebendo uma concordância como resposta (índice de despreferência), a desarmonia interacional seria quase certa.

⁵ UCT (Unidade de Construção de Turno) menor elemento que compõe um turno de fala; trata-se de uma unidade gramatical, prosódica e pragmática completa que realiza uma ação social reconhecível e cuja finalização marca um possível ponto de transição entre os falantes (Schegloff, 2007).

ser feito através do posicionamento de uma partícula de riso logo após a produção da fala, o que a autora chama de pós-enunciado, ao qual o interagente pode se afiliar, aceitando e respondendo com riso, ou recusando o convite.

Taís aceita o convite, adotando o riso como um mecanismo antecipatório para produzir sua resposta. Seus gestos corporais, iniciados logo após a primeira pergunta (“que mais cê não co:me [além da abóbora] só preu me preparar”, linhas 007 e 009), reforçam esse movimento – ela recua levemente o tronco, olha para o prato e movimenta as mãos, sinalizando aos demais participantes da interação, de modo multimodal, um desconforto mitigado pelo riso e pelos gestos corporais, como o balançar de cabeça negativamente enquanto ri (Mondada, 2018; Strid & Cekaite, 2021), ainda que de forma contida, em sobreposição à segunda pergunta (“tem uma li(h)st(h)a? [HA HA @HA HA:”, linha 009), demonstra como o riso, coconstruído entre Ana, Taís e os outros participantes, vai emergindo como uma forma de reorganizar a sequência da interação, transformando a recusa em tema da conversa e em motivo de riso coletivo, no qual os participantes indicializam, uns aos outros, sua orientação para a construção de um status emocional (Stevanovic; Peräkylä, 2014) de cooperação e harmonia interacional, no qual as faces de cada um é preservada.

É importante ressaltar que Taís Araújo, Ana e Louro José irrompem em riso audível, sendo que Ana e Louro gargalham – riem de maneira mais prolongada e com tom mais alto do que o produzido até então, vocalizando de forma audível (“HA HA @HA HA:”, linha 009) –, enquanto Taís ri de modo mais contido e em sobreposição ao riso dos demais, sinalizando alinhamento, mas também leve constrangimento (Jefferson, 2004). Esse contraste entre intensidade e duração dos risos revela diferentes posicionamentos interacionais: se o riso de Ana e Louro projeta descontração e reafirma o controle do enquadre, o de Taís expressa um esforço de adequação e preservação da própria face. Ao compartilhar o riso, ainda que de maneira mais contida, Taís participa da afiliação coletiva, reconfigurando o desconforto inicial em leveza pública. Como observa Broth (2009), o enquadramento visual – ao alternar entre

close e plano aberto – contribui para exibir essa transição, transformando a sequência de recusa em uma cena de humor partilhado. Assim, o riso funciona simultaneamente como índice de afiliação e como gesto performativo voltado à audiência, convertendo o constrangimento local em espetáculo de cordialidade e cooperação.

A sequência interacional prossegue com a resposta de Taís (“é **a única coisa que eu não [co@:#(h)mo**”, linha 012), o que gera mais risos de Fernanda (linha 013), de Louro José (linha 014) e de Ana Maria (linha 015). Nesse ponto, o riso já está plenamente estabelecido como uma resposta aceitável, permitindo que todos os participantes transformem o constrangimento inicial em algo risível. Para Glenn (2003), “rir com” alguém pode marcar, reforçar ou suavizar mudanças de posicionamento entre os interlocutores, expressando afiliação, solidariedade e alinhamento emocional, dessa maneira se apresentando como um tipo de riso que une os participantes.

Ana Maria, então, reforça sua justificativa, encenando uma reprimenda a si mesma e à sua produção, ao dizer que *quem mandou* não se informar sobre as preferências de Taís antes de fazer o prato (“**quem mando:::u quem mando:u**”, linha 017), enquanto Taís continua listando os alimentos que consome, reiterando seu gosto por outros alimentos tratados por ela, nesse contexto, como menos palatáveis (“**eu como ji:ló:: quia:::bo: tudo: moe:la:: bu::cho:**”, linha 018). Esse detalhamento ajuda a tornar a situação ainda mais passível de riso, pois Taís age em função de subverter expectativas ao afirmar que gosta de alimentos tradicionalmente rejeitados, contrapondo-os à abóbora, que, segundo ela, todo mundo gosta. A risada de Fernanda (linha 021) segue como uma validação dessa percepção. O riso é finalizado com a reformulação de Taís (“**a única coisa na vida que eu não como é abóbora**”, linha 024), e a sobreposição de Fernanda, praticamente em coro, ecoa essa perspectiva (“**é abóbora**”, linha 025), demonstrando afiliação à colega.

A sequência se encerra, portanto, com a consolidação de um enquadre lúdico que transforma a recusa em motivo de humor coletivo. O que inicialmente poderia

configurar uma ação despreferida – uma recusa pública e potencialmente constrangedora – é reelaborado pelas participantes como um episódio de leveza e espontaneidade, em que o riso atua como um mecanismo de realinhamento e de restauração da afiliação (Pomerantz, 1984; Glenn, 2003; Jefferson, 2004). Nesse processo, o riso não apenas suaviza o desconforto, mas redefine o campo de relevância da interação: a seriedade da oferta e da recusa cede espaço à brincadeira e à coparticipação. É justamente essa transição – do constrangimento à comicidade, da recusa à afiliação – que fundamenta a discussão a seguir, voltada a compreender como o riso reorganiza as fronteiras entre o sério e o jocoso, revelando a competência interacional das participantes na gestão pública do embaraço.

6 Discussão: da seriedade da recusa para o campo da brincadeira

Ao longo da interação, o riso não se manifesta como uma ação isolada, mas como parte de um processo colaborativo que emerge e se desenvolve ao longo dos turnos de fala. Conforme indicado pela Análise da Conversa (AC), o riso, nesse contexto, serve para reorganizar a sequência de turnos, permitindo que os participantes ajustem o tom da interação. A recusa de Taís Araújo poderia abrir espaço para ações contundentes de formulação do constrangimento, especialmente em uma situação pública de oferta e recusa. Contudo, o riso transforma a recusa em uma oportunidade de alinhamento entre os participantes, fomentando a continuidade da conversa e minimizando o tensionamento. Esse alinhamento, como apresentado, é coconstruído através das risadas compartilhadas e das falas espirituosas, que deslocam a seriedade da recusa para o campo da brincadeira.

Além disso, o riso reposiciona o significado da ação de recusar, permitindo que o ato de não aceitar o prato oferecido seja reinterpretado dentro do contexto sequencial estabelecido. Em vez de ser visto como uma recusa direta e, passível de constrangimento social, o riso ameniza o evento, fornecendo uma nova camada de sentido para as contingências interacionais. Taís, ao listar os alimentos que consome

(linhas 018 – 022) contrapondo-os ao alimento que ela recusou, presta contas da sua própria recusa, adicionando elementos que, ao desobrigar a anfitriã Ana Maria de saber com antecedência que ela não gostaria de comer nhoque de abóbora, resultam em mais risos, já que, ao destacar a recusa como uma peculiaridade inimaginável, ela cria novo foco para a conversa. Esse uso do riso evidencia a competência interacional das participantes de modular a percepção de uma ação e transformá-la em algo em prol do alinhamento interacional.

A situação de recusa de uma oferta, especialmente em um contexto institucional como um programa de televisão, joga luz sobre o conceito de despreferência, que, conforme mostrado por Pomerantz e Heritage (2013) e ratificado na análise, exige prestações de contas e justificativas. Taís rapidamente justifica sua recusa, enquanto Ana Maria, ao invés de pressionar ou forçar a oferta, utiliza o riso como um recurso para suavizar o potencial desconforto. A análise minuciosa, porém, revela que, por trás desse bom humor aparente, há uma tentativa de camuflar o constrangimento. O riso aqui atua como um mecanismo que possibilita a manutenção da intersubjetividade e da harmonia interacional, evitando que a recusa de Taís seja percebida como ofensiva e permitindo que Ana Maria mantenha seu papel social de anfitriã que sabe receber bem.

Portanto, o riso não é meramente resultado de um dito espirituoso, mas um elemento constitutivo da própria organização da interação. Ao co-construírem o episódio de recusa por meio do riso, as participantes transformam uma potencial fonte de constrangimento em um momento de leveza e cumplicidade, evidenciando a capacidade humana de reconfigurar situações delicadas através da ação colaborativa. Essa transformação do desconforto em brincadeira revela não apenas a função social do riso na manutenção da afiliação, mas também seu valor analítico como lente para compreender a negociação das normas de civilidade e de face em contextos públicos. É a partir dessa constatação que se abrem as reflexões apresentadas nas considerações finais, nas quais discutimos as implicações teóricas e sociais do riso como recurso

interacional e suas contribuições para a Linguística Aplicada e para os estudos da fala-em-interação em contextos brasileiros.

7 Considerações finais

Com este artigo, buscamos refletir sobre o papel do riso enquanto um recurso interacional que vai além do índice de humor ou do caráter espirituoso das falas. A análise do excerto de interação entre Ana Maria Braga, Taís Araújo e Fernanda de Freitas demonstrou como o riso atua como um dispositivo multifuncional dentro de uma sequência conversacional, permitindo reorganizar ações, suavizar potenciais constrangimentos e facilitar o alinhamento entre os participantes.

A recusa de Taís ao prato oferecido pela anfitriã, embora seja uma ação despreferida naquele contexto, foi, na sequência, gradualmente transformada em um episódio ameno ensejado pelo riso compartilhado. Rir em conjunto, nesse caso, não foi apenas uma reação à situação desconfortável, mas um meio de realinhar as expectativas e as emoções em curso, permitindo que o enquadre da interação mudasse da recusa para uma brincadeira coletiva sobre as preferências alimentares de Taís, evitando, assim, um confronto direto.

A análise demonstrou, pois, que o riso é co-construído interacionalmente e pode atuar como um recurso que reconfigura o significado das ações implementadas. Se, a princípio, uma recusa de Taís poderia ser vista como uma ação isolada que exigiria justificativas, o riso compartilhado entre as interlocutoras, contudo, transformou esse momento em uma oportunidade para a continuidade da conversa de forma descontraída. Dessa maneira, nesse caso, o riso atuou como um elemento que ajudou a manter o fluxo interacional e colaborou para a preservação das relações sociais entre as participantes.

Além disso, a análise do vídeo evidencia que o riso não se manifesta apenas na dimensão verbal, mas também por meio de recursos corporificados e visuais, como gestos, olhares e enquadramentos de câmera. Em sintonia com Broth (2009) e Broth,

Laurier e Mondada (2014), compreende-se que o vídeo televisivo não apenas registra, mas também participa da configuração da cena, tornando visível a forma como os corpos, os olhares e as orientações espaciais colaboram na produção pública do riso. Assim, o riso emerge como um fenômeno multimodal, cuja inteligibilidade depende tanto do que é dito quanto do modo como é exibido e enquadrado diante de uma audiência.

Além das reflexões anteriores, é fundamental destacar a relevância social e acadêmica deste estudo sobre o riso no campo da Linguística Aplicada. Como foi possível perceber na análise deste artigo, o riso, muitas vezes associado apenas ao humor ou a respostas triviais, desempenha um papel importante na dinâmica das interações humanas. Ao analisar como ele opera na organização das conversas, especialmente em momentos de potencial constrangimento, por meio da implementação de respostas despreferidas, torna-se possível entender melhor como as pessoas gerenciam a delicadeza e a continuidade das suas interações cotidianas. Estudos como este são importantes para se compreender não apenas a mecânica interacional do riso, mas também as sutilezas sociais envolvidas por ocasião de sua ocorrência.

Ao analisar um episódio ocorrido em um programa televisivo popular, esta pesquisa também contribui para a ampliação do escopo empírico da Análise da Conversa, incorporando contextos midiáticos e multimodais aos modelos clássicos de copresença face a face. Assim, o estudo propõe um diálogo entre a tradição etnometodológica e as práticas comunicativas mediadas por dispositivos técnicos, demonstrando como o riso pode ser co-construído mesmo sob condições institucionais e de espetáculo.

Por um lado, essa investigação pode interessar a uma ampla gama de membros da sociedade, a saber, profissionais que lidam com interações complexas, como comunicadores, educadores, assistentes sociais e terapeutas, por exemplo. Ao buscarem uma maior compreensão do papel do riso como ferramenta de alinhamento

e mediação de tensões sociais nas mais diversas práticas profissionais, perceberão que o riso é mais do que uma simples reação emocional, isto é, trata-se de um recurso que auxilia na manutenção da harmonia interacional. Dessa forma, este trabalho contribui para a ampliação do entendimento de como as pessoas se relacionam e constroem significados localmente em suas trocas conversacionais cotidianas e institucionais.

Em uma perspectiva mais ampla, o episódio analisado reflete traços recorrentes da sociabilidade brasileira, em que a cordialidade e o humor funcionam como estratégias de atenuação de tensões e manutenção de vínculos. O riso, nesse contexto, torna-se uma prática cultural de mediação social, revelando modos localmente situados de gerir o constrangimento e reafirmar laços de afiliação. Essa dimensão cultural, ao lado da análise sequencial e multimodal, evidencia que o riso é tanto um fenômeno interacional quanto um marcador de pertencimento e sensibilidade social.

Este trabalho também oferece uma contribuição significativa para os estudos em Análise da Conversa (AC), ao mostrar como o riso não apenas complementa ou ameniza interações, mas também reconfigura o significado de determinadas ações e facilita o andamento da conversa em momentos sequencialmente considerados críticos pelas próprias pessoas que participam da interação. A partir do excerto analisado, é possível reforçar o papel da AC em desvendar minuciosamente as complexidades interacionais que, muitas vezes, passam despercebidas, revelando como os participantes constroem conjuntamente o sentido de certas ações e como o riso pode ser um mecanismo sofisticado para manter o equilíbrio nas relações sociais.

Por fim, este estudo reforça a noção de que o riso, no contexto da Análise da Conversa, deve ser compreendido não apenas como uma manifestação emocional ou de humor, mas como uma prática social multimodal que reorganiza significados e reconfigura enquadres interacionais. Ao evidenciar como o riso atua na negociação de face e na preservação da harmonia em um contexto público e institucional, esta pesquisa reafirma a relevância da AC para compreender as formas pelas quais os participantes, por meio da fala e de ações corporificadas, produzem sentido e

constroem afiliação. A partir da análise realizada, pode-se concluir que o riso, enquanto ação social, é uma ferramenta que revela as sutilezas e as estratégias interativas utilizadas pelos participantes para lidar com momentos potencialmente constrangedores, ao mesmo tempo em que contribui para a manutenção do alinhamento e da harmonia interacional.

Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BROTH, M. Seeing through screens, hearing through speakers: Managing distant studio space in television control room interaction. **Journal of Pragmatics**, v. 41, n. 10, p. 1998-2016, 2009. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2008.09.023>

BROTH, M.; LAURIER, E.; MONDADA, L. Introduction. In: BROTH, M.; LAURIER, E.; MONDADA, L. (eds.). **Studies of video practices**: Video at work. Routledge, 2014. DOI <https://doi.org/10.4324/9781315851709>

CECCON, D.; PEROBELLI, R.. Rindo e discordando: o gerenciamento do riso durante um debate no canal Spotniks. **Estudos Linguísticos e Direitos Humanos**: linguagem, interação e comunicação. Vol. 3. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 13-35.

CLIFT, R. Identifying action: Laughter in non-humorous reported speech. **Journal of Pragmatics**, v. 44, p. 1303-1312, 2012. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.06.005>

COULON, A. A inversão etnometodológica. In: **Etnometodologia e Educação**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 21-39.

COUTO, C. S. L. **O choro na interação**: o gerenciamento de ações em episódios nos quais o choro é tornado relevante. Dissertação de mestrado. 111 fls. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/Ufes). Vitória/ES, 2021.

GARCEZ, P. M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (orgs.). **Fala-em-interação social**: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado das Letras, 2008. p. 17-38.

GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia**. Editora Vozes Limitada, 2018.

GAVIOLI, L. Turn-initial versus turn-final laughter: Two techniques for initiating remedy in English/Italian bookshop service encounters. **Discourse Processes**, v. 19, n. 3, p. 369-384, 1995. DOI <https://doi.org/10.1080/01638539509544923>

GLENN, P. **Laughter in Interaction**. Nova York: Cambridge University Press, 2003. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511519888>

HERITAGE, J. Conversation Analysis. In: **Garfinkel and Ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1984. p. 233-292.

JEFFERSON, G. On the organization of laughter in talk about troubles. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (eds.). **Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis**. Cambridge: CUP, 1985. p. 346-369. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511665868.021>

JEFFERSON, G.; SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A. Notes on laughter in the pursuit of intimacy. In: BUTTON, G.; LEE, J. R. E. (eds.). **Talk and social organization**. Multilingual Matters, 1987. p. 152-205. DOI <https://doi.org/10.2307/jj.33169485.10>

JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, G. H. (org.). **Conversation Analysis: Studies from the First Generation**. Amsterdã: Benjamins, 2004. p. 13-31. DOI <https://doi.org/10.1075/pbns.125.02jef>

JEFFERSON, G. Sometimes a frog in your throat is just a frog in your throat: Gutturals as (sometimes) laughter-implicative. **Journal of Pragmatics**, v. 42, p. 1467-1484, 2010. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2010.01.012>

LOONEY, S. D.; HE, Y. Laughter and smiling: Sequential resources for managing delayed and disaligning responses. **Classroom Discourse**, v. 12, n. 4, p. 319-343, 2021. DOI <https://doi.org/10.1080/19463014.2020.1778497>

MAIS VOCÊ. Direção: Gustavo Alves e Luiz Castilho. **TV Globo**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5869557>. Acesso em: 01 out. 2025.

MONDADA, L. Multiple Temporalities of Language and Body in Interaction: Challenges for Transcribing Multimodality. **Research on Language and Social Interaction**, v. 51, n. 1, p. 85-106, 2018. DOI <https://doi.org/10.1080/08351813.2018.1413878>

POMERANTZ, A. Agreeing and disagreeing with assessments: Some features of preferred/dispreferred turn shaped. In: ATKINSON, M.; HERITAGE, J. (eds.).

Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 57-101. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511665868.008>

POMERANTZ, A.; HERITAGE, J. Preference. *In*: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (eds.). **The Handbook of Conversation Analysis**. Malden, MA: Blackwell, 2013. p. 210-228. DOI <https://doi.org/10.1002/9781118325001.ch11>

RACLAW, J.; FORD, C. E. Laughter and the management of divergent positions in peer review interactions. **Journal of Pragmatics**, v. 113, p. 1-15, 2017. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2017.03.005>

SACKS, H. Notes on methodology. *In*: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SCHEGLOFF, E. A. Reflections on Quantification in the Study of Conversation. **Research on Language and Social Interaction**, v. 26, n. 1, p. 99-128, 1993. DOI https://doi.org/10.1207/s15327973rlsi2601_5

SCHEGLOFF, E. A. **Sequence organization in interaction: A Primer in Conversation Analysis** I. Cambridge University Press, 2007. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511791208>

STEVANOVIC, M.; PERÄKYLÄ, A. Three orders in the organization of human action: On the interface between knowledge, power, and emotion in interaction and social relations. **Language in Society**, v. 43, n. 2, p. 185-207, 2014. DOI <https://doi.org/10.1017/S0047404514000037>

STRID, E.; CEKAITE, A. Embodiment in reciprocal laughter. **How emotions are made in talk**, v. 321, p. 163, 2021. DOI <https://doi.org/10.1075/pbns.321.06str>

TAÍS ARAÚJO RECUSA COMER NHOQUE DE ABÓBORA DE ANA MARIA BRAGA. [S.l.: s.n.], 2017. 1 vídeo (02min16s). Publicado pelo canal Um pouco de tudo AZ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tip6Pe6izoM>. Acesso em: 01 out. 2025.

TANAKA, H. Solo or shared laughter in coparticipant criticism in Japanese conversation. **East Asian Pragmatics**, v. 3, n. 1, p. 125-149, 2018. DOI <https://doi.org/10.1558/eap.35801>